



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13046 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT09 - Trabalho e Educação

Formação de competências socioemocionais: análise crítica dos fundamentos de uma pedagogia em construção

Jonas Emanuel Pinto Magalhães - UERJ - PPFH - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS: ANÁLISE CRÍTICA DOS FUNDAMENTOS DE UMA PEDAGOGIA EM CONSTRUÇÃO

Resumo: Esse trabalho apresenta as principais análises e conclusões resultantes de uma pesquisa que teve como tema a noção de competências socioemocionais e como objeto de estudo a sua incorporação nos discursos pedagógicos e nas políticas públicas de educação. O objetivo fundamental da referida pesquisa foi identificar e analisar os fundamentos econômicos, políticos, ideológicos, epistemológicos e pedagógicos que orientam as propostas de formação de competências socioemocionais na atualidade. Utilizando o materialismo histórico e dialético como referencial teórico-metodológico, o estudo tem caráter predominantemente teórico, apoiando-se em pesquisa bibliográfica, documental e levantamento do estado da arte. Como conclusões mais importantes desse estudo, identificamos nas políticas de competências socioemocionais sua vinculação indireta ao nível epistemológico com a pedagogia socioemocional, desenvolvida com aporte de constructos do campo da psicologia psicométrica, e sua vinculação direta ao nível político-programático com a pedagogia das competências, tendo como intencionalidade explícita comum a formação de subjetividades flexíveis e adaptáveis às condições econômicas e sociais flutuantes e precárias. Constata-se, a partir da identificação desses vínculos, a emergência do que temos chamado de Pedagogia das Competências Socioemocionais.

Palavras-chave: competências socioemocionais; competências, pedagogia das competências socioemocionais; política educacional.

Desde meados dos anos 2010 observa-se uma constante replicação do termo

"competências socioemocionais" nos discursos educacionais, usualmente evocado para estruturarem argumentos em favor da incorporação das referidas competências nas finalidades, currículos e propostas educacionais de diferentes níveis e modalidades de ensino. Em vista disso, atribui-se à educação escolar uma nova responsabilidade: desenvolver nos estudantes habilidades socioemocionais como resiliência, curiosidade, autocontrole, empatia, iniciativa, criatividade, perseverança, dentre outras.

Nas proposições teóricas, programáticas e político-pedagógicas de organizações como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2015) e o Instituto Ayrton Senna (IAS, 2014), as competências socioemocionais são apresentadas como um domínio da subjetividade humana que se expressa em diferentes âmbitos das relações inter e intrapessoais dos indivíduos. A progressiva projeção que adquiriu a noção de competências socioemocionais na política educacional brasileira – projeção esta que atinge seu ápice após sua incorporação nos textos da reforma do ensino médio e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - revela o êxito alcançado por essas organizações na promoção dessa agenda em nível nacional. Tal projeção e a apropriação apressada e, geralmente, pouco crítica desse novo *slogan* pedagógico justifica a investigação de suas bases epistemológicas, políticas e sócio-históricas, bem como de suas implicações ideológicas e pedagógicas.

Com esse intento, colocamos como problema de pesquisa a seguinte questão: quais os fundamentos econômicos, políticos, ideológicos, epistemológicos e pedagógicos que orientam as propostas de formação de competências socioemocionais? Partindo desse problema inicial buscamos, de forma mais específica, compreender, do ponto de vista sócio-histórico, teórico-epistemológico e político-pedagógico, os fundamentos e a materialidade na qual se sustenta a noção de competências socioemocionais, incluindo a sua abordagem em outros campos disciplinares como a economia, a psicologia e a administração. Tais objetivos levaram-nos à necessidade de estruturamos alguns planos de análise que se apoiam na incorporação e/ou apreciação crítica de literaturas oriundas de diferentes campos disciplinares.

Destacam-se no conjunto dessa literatura as contribuições de Karl Marx, autor que nos orienta teórico-metodologicamente, por meio das quais adentramos as discussões realizadas por economistas nekeynesianos acerca dos descaminhos do capitalismo neoliberal após a crise de 2008. Também contribuíram, no plano de análise do neoliberalismo, autores como Pierre Dardot e Christian Laval, Byung-Chul Han, Marilena Chauí e Vladimir Safatle.

Para dar conta do eixo ideológico/simbólico, recuperamos o percurso de constituição da ciência da administração, com destaque para o campo da gestão e desenvolvimento de recursos humanos. Dialogando com autores como Luc Boltanski e Eve Chiapello, Osvaldo Lopez Ruiz, e Daniel Andrade, observamos a influência das teorias do capital humano e da inteligência emocional na conformação de discursos que valorizam o papel das emoções na gestão do trabalho.

O eixo de análise sobre trabalho e competências na contemporaneidade, munimo-nos do debate sobre as metamorfoses do mundo do trabalho observadas nos últimos 50 anos pelo olhar da sociologia do trabalho, a partir de autores como Ricardo Antunes, Sadi Dal Rosso e Ursula Huws. Discutimos também os processos de captura e sequestro da subjetividade dos trabalhadores, com base em autores como Danièle Linhart, Giovanni Alves e José Henrique de Faria. Analisamos ainda as teses e contra-teses acerca do significado do trabalho imaterial para a teoria do valor de Marx (2015) e seu impacto na reconfiguração do mercado de trabalho e das novas qualificações exigidas dos trabalhadores

Na investigação dos fundamentos teórico-epistemológicos da noção de competência socioemocionais adentramos à discussão sobre inteligência emocional, iniciada na década de 1990, analisamos a construção teórica do constructo do Big Five (teoria da personalidade que informa metodologicamente a noção de competências socioemocionais) e o desenvolvimento da noção de competências nas correntes norte-americana e francesa, bem com suas aplicações nos campos da gestão de pessoas e da educação. Por fim, perquirimos os estudos teóricos e econométricos do economista James Heckman, que forneceram as bases argumentativas para a construção da agenda das competências socioemocionais pela OCDE. Para análise do eixo da política educacional, pesquisamos fontes primárias a fim de reconstruirmos a trajetória de gênese e incorporação da noção de competências socioemocionais nas políticas educacionais brasileiras.

Em se tratando de trabalho de caráter eminentemente teórico, a metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Além disso, realizamos a revisão do estado da arte das teses e dissertações que tiveram como tema as competências e/ou habilidades socioemocionais, considerando o recorte temporal 2011-2021. Como método de abordagem adotamos como referencial o materialismo histórico-dialético, fazendo uso, como nos orienta Kuenzer (1998), tanto das categorias do método quanto de categorias de conteúdo.

Compreendemos, a partir da leitura e análise da literatura atinente ao campo das políticas educacionais, que a agenda socioemocional fomentada contemporaneamente por intelectuais neokeynesianos e por organizações não-governamentais e internacionais está em linha de continuidade com as orientações produzidas pela UNESCO (1998) acerca da “Educação para o Século XXI”, conferindo, na atualidade, maior ênfase aos aspectos do saber-ser e saber-conviver (competências socioemocionais). Tal ênfase reflete a hegemonia da razão neoliberal e sua influência na conformação da “sociedade do desempenho”, (HAN, 2018), do “capitalismo emocional” (HAN, 2018), do “Estado-empresa” e do ideal do sujeito “empreendedor/empresário de si mesmo” (DARDOT; LAVAL, 2017).

É válido destacar que, no âmbito da administração empresarial, conceitos como “inteligência emocional” e “empreendedorismo” já haviam adentrado os discursos e práticas da chamada “nova gestão de pessoas”, desde a década de 1990. Alinhadas ao “novo espírito do capitalismo” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009) e a nova concepção de “homo economicus emocional” (ANDRADE, 2011), tais noções buscam, desde então, cooptar

ideologicamente a subjetividade dos trabalhadores, através da hipervalorização dos aspectos comportamentais pelas políticas de gestão por competências e pela nova cultura do *management*.

Contemporaneamente, a cooptação ideológica por via de discursos que valorizam do papel dos aspectos comportamentais no trabalho (iniciativa, resiliência, autonomia, etc..) são reiterados e reforçados pelas formas de trabalho plataformizados e pelas implicações da indústria 4.0 na determinação do tipo de competências e subjetividades requeridas pelas novas tecnologias. Assim, em face da crise do emprego e do avanço da aplicação da inteligência artificial sobre o trabalho complexo e sobre as competências cognitivas dos trabalhadores, ganha relevância a formação de competências socioemocionais, consideradas um ativo individual diferenciado e de difícil aquisição.

No campo educacional, vai se constituindo, a partir da década de 2010, uma nova agenda, orientada para a formação desse tipo de competência. Em âmbito internacional, a OCDE é o organismo com maior envolvimento na promoção dessa agenda, contando para isso com o endosso de outras agências internacionais e com a participação de organizações sociais, destacando-se, no Brasil, a atuação do IAS.

Assim em nosso país observam-se, desde 2011, iniciativas protagonizadas por agentes privados e públicos que viabilizam a emergência e consolidação dessa agenda em âmbito nacional. Mediante ampla pesquisa documental, percorremos a trajetória de gênese e incorporação da noção de competências socioemocionais nas políticas educacionais brasileiras e pudemos identificar marcos e atores importantes no estabelecimento dessa pauta em nosso país. Contando com a participação ativa da OCDE, o IAS assume grande protagonismo no processo de incorporação dessa agenda pelo Estado Brasileiro, cujo percurso compreende dois grandes momentos: 1) a mobilização da agenda e a construção de consensos teóricos políticos em torno das competências socioemocionais e 2) as ações efetivas do governo federal para incorporação das competências socioemocionais nas políticas educacionais nacionais, o que inclui sua inclusão nos textos da reforma do ensino médio e da BNCC.

A agenda socioemocional também impulsionou, a partir de 2014, a produção acadêmica nacional em diferentes áreas disciplinares. No que se refere às dissertações e teses sobre o tema produzidas até 2021, o estudo do estado da arte por nós realizado demonstrou a prevalência de estudos empíricos sobre os efeitos das competências socioemocionais, tendo como *locus* privilegiado a educação e sendo realizados majoritariamente no âmbito de programas de pós-graduação em educação, psicologia e economia.

Nossa incursão na literatura especializada revelou que as abordagens sobre a formação de competências socioemocionais orientam-se hegemonicamente por perspectivas que se apoiam em estudos psicométricos, econométricos e constructos teóricos do campo das teorias da personalidade e da inteligência emocional. Ainda assim, o modelo de formação de

competências socioemocionais construído e disseminado pela OCDE e o IAS é marcado por incongruências, debilidades e sincretismos epistemológicos não justificados que, embora desloquem a tradição da psicologia da educação e do desenvolvimento como referências para o trabalho pedagógico, conformam no plano das políticas educacionais uma proposta consensual e alinhada com a nova função social atribuída à escola pelos intelectuais coletivos do capital.

Ambas as organizações adotam como referência de seus modelos de competências a teoria dos traços de personalidade do Big Five, convertendo tais traços em macrocompetências e competências socioemocionais, sem que sejam apresentados argumentos teóricos consistentes que justifiquem essa conversão. Apesar das inconsistências teóricas observadas, tais organizações vem desenvolvendo propostas curriculares, metodologias, instrumentos de avaliação e programas de formação de professores com declaradas intencionalidades político-pedagógicas, o que justifica a afirmação de que estaria em construção uma verdadeira Pedagogia das Competências Socioemocionais. Essa pedagogia, se de um lado mantém um vínculo epistemológico indireto com a Pedagogia Socioemocional, por outro, mantém um vínculo político-programático direto com a Pedagogia das Competências, pois, a exemplo dessa, tem como objetivo a formação de indivíduos flexíveis e melhor adaptados as atuais e futuras condições laborais, econômicas e sociais.

A título de considerações finais gostaríamos de registrar que o movimento que tentamos captar gesta-se e desenvolve-se a partir de agentes públicos e privados comprometidos com um projeto de sociedade na qual até mesmo a subjetividade humana deve estar a serviço dos interesses econômicos do grande capital. Assim, indo além do objetivo inicial de investigar os fundamentos econômicos, políticos, ideológicos, epistemológicos e pedagógicos que orientam as propostas de formação de competências socioemocionais, cabenos, na continuidade desse trabalho, o esforço contínuo em desvelar as intenções de tais agentes, denunciar possíveis falácias contidas em seus argumentos e apresentar alternativas de formação de subjetividades que sejam ao mesmo tempo críticas, socialmente justas e emancipatórias.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Daniel P. Paixões, sentimentos morais e emoções. Uma história do poder emocional sobre o homem econômico. **Tese de Doutorado**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica. O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte/Veneza: Editora Âyiné, 2018.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Competências socioemocionais: material para discussão**. Rio de Janeiro. 2014.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2015.

KUENZER, Acácia. As categorias de método e de conteúdo na relação entre trabalho e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 7, p. 13-28, 1998.

O C D E . **Competências para o progresso social: o poder das competências socioemocionais**. São Paulo: Fundação Santillana, 2015.

UNESCO. DELORS, Jacques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.